

O TOURO DA NECRÓPOLE DE CINCO REIS 8 (BEJA, PORTUGAL)

ANA MARGARIDA ARRUDA*

Abstract: The archaeological excavations carried out in the Iron Age necropolis Cinco Reis 8 (Beja, Portugal) offered a terracotta piece representing a bull. Their morphological characteristics, but also the general context and more specifically the fact that it was collected in one section of the pit demarcating the funerary space had implied a discussion according to the funeral rites, but also focused in its religious significance in the aim of cult practices, strongly influenced by the presence of Mediterranean communities in the Iberian Peninsula from the 8th c. B.C.

Keywords: Iron Age; Necropolis; Religion; Ritual Practices.

1. INTRODUÇÃO: UM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*

Os trabalhos de minimização de impactos sobre o património arqueológico levados a efeito, nos últimos anos, em torno da barragem do Alqueva, concretamente nos “canais de rega”, puseram a descoberto um *Admirável Mundo Novo* no que ao mundo funerário da Idade do Ferro diz respeito.¹ Não é este o lugar para desenvolver, detalhadamente, a realidade da extensa lista de necrópoles orientalizantes escavadas recentemente no Alentejo Central, e que acrescentaram e alteraram, substancialmente, o panorama do mundo funerário da Idade do Ferro.² Mas este merece, apesar de tudo, um comentário geral, porque a peça que aqui se publica é proveniente de uma destas novas necrópoles, concretamente a de Cinco Reis 8.

Num território localizado a Ocidente de Beja, foi descoberto, nos últimos anos, um conjunto de necrópoles datadas da Idade do Ferro, cujos espólios permitem considerar orientalizantes (FIG. 1). As sepulturas, de inumação, maioritariamente individuais (algumas são duplas), são fossas rectangulares escavadas no solo, estando a maior parte isolada, havendo outras que aparecem em recintos quadrangulares delimitados por fossos também escavados na rocha de base. Os espólios são ricos e diversificados, com objectos de adorno de tipologia diversa (anéis, contas de colar, pulseiras, fíbulas, cinturões e respectivos fechos), armas (lanças e contos), elementos de mobiliário e cerâmicas (vasos), integrando o conjunto artefactos que podemos considerar de carácter simbólico, ritual e apotropaico. Entre estes últimos, contam-se os escaravelhos, que podiam ou não estar encastrados em anéis, e, nos primeiros, cabem também os “braseiros” e ainda algumas peças cerâmicas, entre as quais o elemento coroplástico que aqui se publica.

Em 2012, no âmbito da 3^a edição das reuniões científicas organizadas por Javier Jiménez Ávila em torno do rio Guadiana, *Siderium Ana*, a maioria destas necrópoles foi apresentada, esperando-se que a pu-

* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; a.m.arruda@letras.ulisboa.pt.

1 A Rosa Salvador Mateos e José António Pereira, arqueólogos da empresa Nova Arqueologia Lda. e responsáveis por uma das fases da escavação da Necrópole de Cinco Reis 8, agradeço toda a informação que, amável e desinteressadamente, puseram à minha disposição sobre este espaço funerário, nomeadamente imagens e textos inéditos.

2 As necrópoles conhecidas até ao momento em que escrevo são as seguintes: Monte do Marques 7 (Beringel); Vinha das Calças (Trigaches); Palhais (Beringel); Poço da Gontinha 1 (Ferreiro do Alentejo); Monte do Bolor 1; Carlota (São Brissos); Cinco Reis 8 (Santiago Maior); Poço Novo 1 (Predrogrão) e Fareleira 3 (Vidigueira).



FIG. 1. Localização da necrópole de Cinco Reis 8 (desenho de A.M. Arruda).

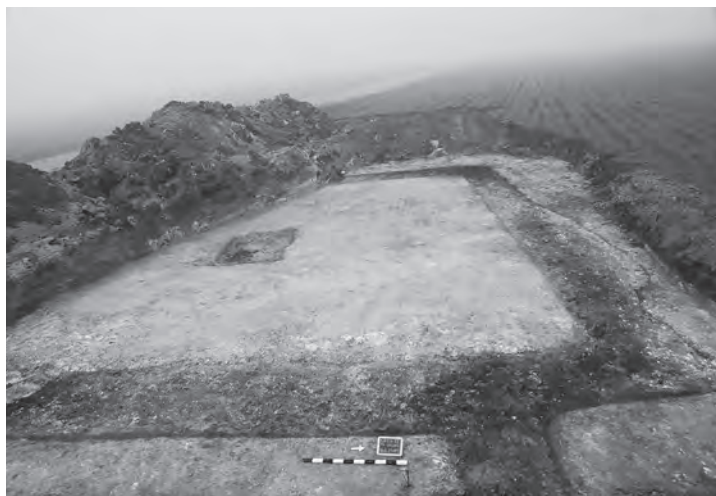


FIG. 2. O recinto funerário de Cinco Reis 8, com a sepultura central e o fosso (por cortesia de R. Salvador e J.A. Pereira).

blicação das respectivas Actas traga uma perspectiva global sobre este diversificado e rico mundo funerário “em negativo”, até agora desconhecido. Uma destas necrópoles foi contudo já publicada, concretamente a de Palhais,³ e outra, a da Vinha das Caliças, escavada por Rui Barbosa, da empresa Arqueohoje, foi estudada por uma equipa que dirigi, estando o texto que se lhe refere no prelo.⁴

2. A NECRÓPOLE DE CINCO REIS 8

A necrópole de Cinco Reis 8 foi escavada por duas equipas distintas, em duas fases diversas, a primeira sob a responsabilidade científica de António Dias Diogo e a segunda pela empresa Novarqueologia, tendo como arqueólogos Rosa Salvador e José António Pereira. Estes últimos entregaram, entretanto, para publicação o texto que corresponde ao estudo que realizaram sobre os dados que puderam recolher na fase de intervenção que lhes coube dirigir,⁵ e ao qual tive acesso graças à sua amabilidade desinteressada e inteira disponibilidade. Dos resultados da primeira fase desconhece-se tudo.

A necrópole implanta-se, tal como as outras identificadas na mesma região, numa zona aplanada, e dela se escavou um recinto com cerca de 80 m², delimitado por um fosso aberto no substrato geológico, de perfil em U, com 1/1,40 m de largura à superfície e 1/1,20 m de profundidade e que se encontrava totalmente colmatado por um sedimento compacto.⁶ No centro deste recinto, identificou-se uma sepultura, igualmente escavada na rocha de base, de planta rectangular (FIG. 2). Trata-se da inumação de um indivíduo masculino, e continha também um vaso cerâmico e uma lança.⁷

3 SANTOS *et al.* 2010.

4 ARRUDA *et al.* n.p.

5 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

6 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

7 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

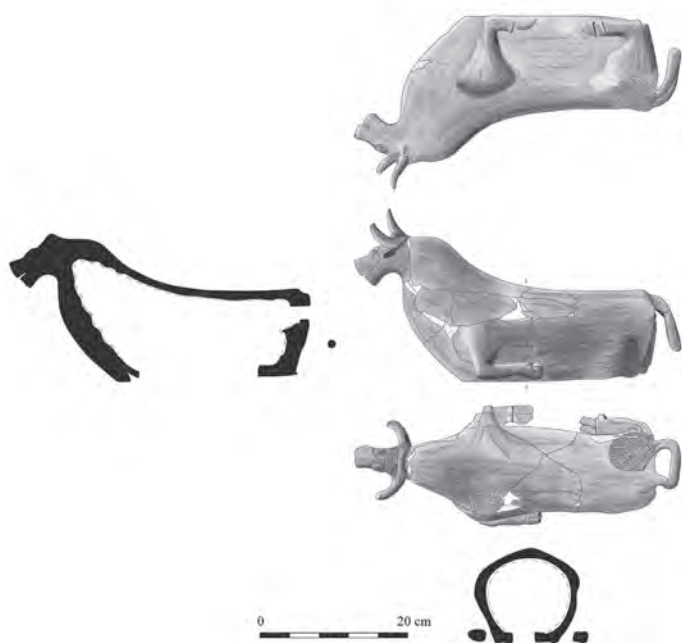


FIG. 3. O touro da necrópole de Cinco Reis 8 (desenho de C. Pereira).



FIG. 4. A face esquerda do touro da necrópole de Cinco Reis 8 (fotografia de C. Pereira).



FIG. 5. A face direita do touro da necrópole de Cinco Reis (fotografia de C. Pereira).

Esta realidade arquitectónica e artefactual não destoia da que foi encontrada nas restantes necrópoles da área. Mas um artefacto em concreto, o elemento coroplástico que representa um touro, proveniente justamente dos sedimentos que preencheram o fosso, merece destaque, pelo seu significado cultural e simbólico intrínseco. Naturalmente que o seu contexto específico não é dele independente, como bem compreenderam os autores do estudo monográfico desta necrópole que temos vindo a citar.⁸ Contudo, a sua divulgação de forma isolada parece fazer sentido, mesmo que, inevitavelmente, as suas associações a outros artefactos sejam chamadas à colação sempre que necessário e a sua posição estratigráfica e topográfica deva ser também mencionada sempre que se tornar útil.

Atendendo aos espólios encontrados e aos paralelos que foi possível obter para eles na mesma área geográfica e fora dela, parece possível avançar uma cronologia do s. VI a.n.e. que não deve ultrapassar os seus meados.

3. O TOURO DA NECRÓPOLE DE CINCO REIS 8: DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A peça é de cerâmica, moldada à mão, oca (FIGS. 3 e 7), e representa um bovino, ajoelhado, de cabeça frontal e focinho de grande dimensão (FIG. 3). A boca está entreaberta e a cauda, longa e enrolada, está destacada do corpo, rematando sobre o dorso com incisões que desenhavam um semi-círculo (FIG. 8). Apresenta-se ligeiramente recostado sobre o costado, por isso mesmo, apenas três das quatro patas estão presentes (FIG. 4). Estas, duas dianteiras e uma traseira, estão dobradas ao nível dos joelhos, apresentando os cascos bem diferenciados (FIG. 5). Os dois cornos são longos e encurvados e os olhos, ao contrário do que é habitual, apresentam-se na parte frontal da cabeça, são salientes e foram conseguidos pela colocação de pastilhas de argila (FIGS. 6 e 9).

8 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.



FIG. 6. O do touro da necrópole de Cinco Reis 8, visto de frente (fotografia de C. Pereira).



FIG. 7. O interior do touro da necrópole de Cinco Reis 8 (fotografia de C. Pereira).



FIG. 8. A cauda do touro da necrópole de Cinco Reis 8 (fotografia de C. Pereira).



FIG. 9. A cabeça do touro da necrópole de Cinco Reis 8, vista de cima (fotografia de C. Pereira).

A superfície foi alisada e tratada de modo a dar relevância aos detalhes que se pretendeu valorizar, o que resultou na representação de um animal musculado, concretamente ao nível do morrillo, que é bastante proeminente (FIG. 9). Na área que corresponde à marrafa, é visível uma decoração incisa, que poderá representar cordas.

O touro é de dimensão considerável, apresentando 45 cm de comprimento, 23 de altura e 17 de largura.

A peça foi recuperada no depósito de base do tramo Este do fosso que limita o recinto central da necrópole de Cinco Reis 8, o que não é irrelevante do ponto de vista do seu significado cultural. De facto, do interior desta estrutura negativa, e para além do touro, apenas foram encontrados dois vasos cerâmicos com características que também remetem para um inequívoco valor simbólico, relacionando-se com actividades ligadas ao culto. Trata-se, neste caso, de «...duas taças de pé alto, que apresentam, sobre o bordo, oito ornitomorfos...».⁹

9 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

Se a forma não é de todo inédita no território do Sudoeste peninsular,¹⁰ já a decoração plástica aplicada sobre o bordo tem paralelos apenas na área específica onde se insere também a necrópole de onde a peça que aqui estudamos é proveniente. O vizinho espaço funerário de Palhais forneceu um vaso absolutamente idêntico aos dois de Cinco Reis 8, quer na morfologia quer na decoração.¹¹ Também nas necrópoles da Vinha das Calças e da Carlota, ainda localizadas na região a Oeste de Beja, taças com pé com características formais semelhantes foram recuperadas.¹²

4. AS REPRESENTAÇÕES DE TOUROS NO SUDOESTE PENINSULAR DURANTE A IDADE DO FERRO

Os touros estão entre os animais bem representados na iconografia proto-histórica da Península Ibérica, e muito concretamente da que se relaciona com o Mediterrâneo, seja ela a “orientalizante” seja a do mundo ibérico, apenas ultrapassados, em número, pelas serpentes. Contudo, esta contabilização é bem diversa se tivermos em consideração as representações tri-dimensionais. De facto, as tampas dos *thymiateria* peninsulares são encimadas, sobretudo, por touros, mesmo que os cervídeos também se encontrem presentes nesta mesma função.¹³ E a conexão entre estes artefactos de bronze e a peça que agora se estuda pode ser tida em consideração na leitura que se pretende efectuar.

Parece pois importante lembrar neste contexto que a figura do touro está bem documentada no Ocidente, concretamente no território actualmente português, num horizonte cronológico que cabe dentro dos parâmetros que se puderam estabelecer para a ocupação da necrópole de Cinco Reis 8, primeira metade/meados do s. VI a.n.e.

Em primeiro lugar, devem destacar-se os que encimam as já citadas tampas de *thymiateria*. Algumas semelhanças podem efectivamente estabelecer-se em termos formais entre as peças de bronze e o Touro de Cinco Reis 8. Mas as dissemelhanças são muitas e não devem ser descartadas na análise, dissemelhanças que não se devem exclusivamente à diferença de matéria prima em que foram fabricadas. Os touros de Safara,¹⁴ de Mourão¹⁵ e de Alcalá del Rio¹⁶ estão reclinados, têm a boca aberta e a língua pendente e a cabeça está inclinada lateralmente. Apenas duas patas estão representadas, sobre o corpo, uma vez que se encontram reclinados.

A atitude pacífica, de absoluto repouso, destes animais de bronze, contrasta, efectivamente, com a do de Cinco Reis 8, cuja posição é mais semelhante ao de Cerro del Prado,¹⁷ de joelhos dobrados e cabeça para a frente.

Naturalmente que a funcionalidade dos primeiros pode ter determinado algumas das suas características, uma vez que, em utilização, o resultado cenográfico era certamente muito sugestivo.¹⁸ Por outro lado, a boca aberta e a língua pendente, associadas ao fumo, insinua uma relação preferencial com actividades rituais, mas de tipo sacrificial.¹⁹

10 As taças de pé alto foram identificadas em várias necrópoles da Idade do Ferro peninsulares, quer na Andaluzia e Extremadura espanhola (La Joya, Setefilla, Medellín), quer no Alentejo (Corte Margarida, Mealha Nova).

11 SANTOS *et al.* 2008.

12 ARRUDA *et al.* n.p.; SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

13 JIMÉNEZ ÁVILA 2002.

14 VASCONCELLOS 1924; BLÁZQUEZ MARTINEZ 1966; ALMAGRO GORBEA 1977; JIMÉNEZ ÁVILA 2002.

15 CORREIA 1986; JIMÉNEZ ÁVILA 2002.

16 OLMOS – FERNÁNDEZ MIRANDA 1987; JIMÉNEZ ÁVILA 2002.

17 ULREICH *et al.* 1990; JIMÉNEZ ÁVILA 2002.

18 JIMÉNEZ ÁVILA 2002, p. 341.

19 JIMÉNEZ ÁVILA 2002, p. 341.

FIG. 10. *Hellboy* de Mike Mignola.FIG. 11. *Charging Bull* de Wallstreet (escultura de Arturo di Modica).

O sentido iconológico do touro do Cerro del Prado parece ser outro, sendo possível admitir tratar-se da representação divina, neste caso concreto de Baal.²⁰ A associação deste animal a esta divindade é habitualmente aceite nas religiões semitas. Aliás a conexão de touros a entidades divinas é frequente em outros universos mitológicos, por vezes relacionada com o mundo fenício, como é, por exemplo, o caso grego, onde Zeus assumiu a figura taurina para raptar Europa, princesa fenícia. Por outro lado, e para a Península Ibérica, é impossível não referir, neste contexto, o mito de Hércules e de Gérion.

Ainda no território português, há a assinalar um taumomorfo de cerâmica, que poderá ter pertencido a um *rhython*,²¹ igualmente recuperado numa necrópole alentejana, a da Fonte Santa.

No que diz respeito ao Sudoeste peninsular em geral, é obrigatório citar os touros do pente de marfim de manufactura hispano-fenícia da necrópole de Medellín,²² com semelhanças aos de Nimrud, em ambos casos associados a divindades. Importa referir ainda que, no pente da necrópole extremeña, a face oposta aquela em que os touros estão presentes, se observa a figura de uma divindade alada, muito provavelmente Astarté.²³ Outros bovídeos gravados sobre marfim existem, também, nas necrópoles de Carmona.²⁴

5. OS BOVÍDEOS E OS SEUS SIGNIFICADOS

A figura do touro foi utilizada ao longo de milénios por distintos grupos humanos, muito distantes entre si quer cronológica quer geograficamente. E, naturalmente, o significado dessas representações variou também nos distintos sistemas simbólicos que as usaram.

Mas a verdade é que a imagem destes animais permanece ainda hoje como sinónimo de prosperidade, de abundância, de riqueza, mas também de força, de vitalidade, de poder. Por isso mesmo, não parece descabido recordar aqui a personagem desenhada por Mike Mignola, *Hellboy*, cuja força sobre-humana é associada aos cornos que lhe encimam o crânio (FIG. 10). Um outro significado tem o *Charging Bull* de Wallstreet, da autoria de Arturo di Modica (FIG. 11), ainda que não esteja provada a sorte de quem o afaga antes de entrar na bolsa nova iorquina. Mas neste caso, a riqueza e a prosperidade dominam o imaginário associado à figura do touro.

20 JIMÉNEZ ÁVILA 2002, p. 341.

21 BEIRÃO – GOMES 1984.

22 ALMAGRO GORBEA 2008, pp. 425-428.

23 ALMAGRO GORBEA 2008, pp. 418-424.

24 AUBET 1980.

Nas comunidades do passado, os significados mais comuns são, contudo, os que remetem directamente para actividades de tipo ritual e/ou religioso, ainda que a própria associação directa a uma divindade específica não seja irrelevante. Se as representações de bóvidos durante a Pré-história mais remota, nomeadamente na arte rupestre paleolítica, devem a Leroi-Gourhan uma interpretação que ultrapassa as que lhe atribuíam um carácter utilitário, assumindo-se hoje que os espaços gravados e pintados se constituíram como verdadeiros santuários enquadrados num contexto simbólico e mitológico concreto, os trabalhos arqueológicos em Çatal Huyuk evidenciaram a existência, nas comunidades camponesas, de uma relação directa entre a divindade e o touro, pelo menos no Próximo Oriente, realidade que se expande até ao extremo ocidente ainda durante o Neolítico e que ganha contornos mais definidos no Calcolítico.

A Idade do Bronze reforça, na Península Ibérica, o papel simbólico destes animais, com os capacetes de cornos gravados nas chamadas “estelas de guerreiro” a darem consistência a esse papel, situação que parece ter origem na área do Mediterrâneo oriental, de que, naturalmente, o deus do lingote de Enkomi é, ainda hoje, o melhor exemplo. Lembre-se ainda como os cornos foram, na Mesopotâmia, símbolo maior das divindades.

Ainda assim, parece importante insistir que a dualidade de significados da figura do touro permanece e é uma constante nas chamadas “civilizações pré-clássicas”, directamente associada à divindade (mundos hitita e egípcio) e/ou relacionada com a bravura e a força, por exemplo na Suméria, mas também com a prosperidade doméstica e a riqueza agrícola, nos contextos greco-latinos.

O significado religioso e simbólico dos touros no mundo grego é bem conhecido nas suas várias vertentes, constituindo o estudo recente de R. Étienne uma excelente síntese sobre a temática.²⁵ Também a utilização destes animais em actividades culturais, concretamente em sacrifícios de natureza diversa, está bem documentada neste mesmo universo até à época helenística, sendo também evidente na realidade romana.

6. DISCUSSÃO

O touro de Cinco Reis 8, quer pelas suas características formais, semelhantes às do de Cerro del Prado, quer ainda pelo contexto específico em que foi recuperado, pode corresponder a uma imagem de culto e não ser associado, como foram os seus congéneres metálicos, a uma representação de actividades de tipo sacrificial.

A posição, de joelhos e de cabeça para a frente, a forte musculatura e o elevado pronunciamento do morrillo podem levar a uma interpretação iconológica que remeta, directamente, para uma representação divina.

Por outro lado, o seu aparecimento no interior do fosso, e não em relação directa com qualquer das sepulturas, fala também a favor desta mesma interpretação. Mais importante, contudo, é o facto de, como já antes referimos, no referido contexto apenas se terem recuperado, para além da figura que aqui estudámos, os dois vasos com decoração plástica aplicada sobre o bordo em forma de ornitomorfos.²⁶

Parece pois óbvia a necessidade de interpretar em conjunto estas peças, porque se todas, individualmente, permitem uma interpretação iconológica de carácter divino, essa interpretação fica particularmente reforçada se atendermos ao facto de estarem em associação directa, num mesmo contexto.

Deve destacar-se, portanto, e uma vez mais, a posição topográfica do conjunto (Fig. 12). As três peças apareceram no depósito de base de um fosso de planta grosseiramente quadrangular, que limita um espaço funerário que contém uma única sepultura.²⁷ Foram portanto aí depositados imediatamente após a abertura dessa estrutura, e antes da sua colmatação, estando assim associados directamente ao enterramento masculino escavado no centro do recinto que o referido fosso limita.

25 ÉTIENNE 2014.

26 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

27 SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p.

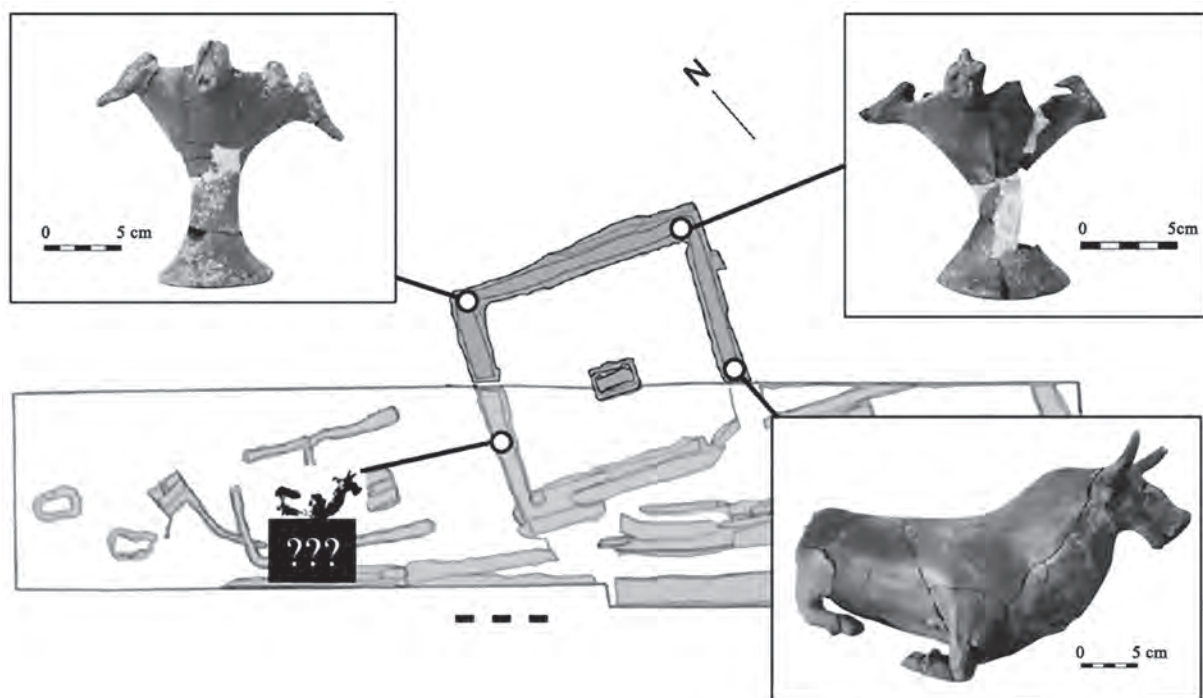


FIG. 12. Planta do recinto funerário da necrópole de Cinco Reis 8, com a localização dos achados no interior do fosso (segundo Salvador Mateos – Pereira n.p.).

Os dois vasos com decoração coroplástica foram encontrados no troço Norte do fosso, justamente nos seus dois vértices opostos. Independentemente da sua funcionalidade, a decoração levanta questões que parecem relevantes nesta análise, uma vez a representação de aves pode também ser lida num contexto religioso de matriz mediterrânea. A associação da deusa Astarté a pássaros, muitas vezes pombas, é um dado quase completamente adquirido, estando estas representações presentes em muita da iconografia fenícia e orientalizante, mesmo na Península Ibérica, como são exemplos alguns bronzes andaluzes, cujo mais célebre continua a ser a peça conhecida por “Bronze Carriazo”, ainda que neste caso se trate de anatídeos.

A presença de aves em contextos sepulcrais é pouco conhecida no Sudoeste peninsular, devendo, contudo, fazer-se referência às que encimam vasos morfológicamente idênticos encontrados na vizinha necrópole de Palhais, onde algumas das tampas das sepulturas estavam decoradas com aves gravadas.²⁸ Dois outros pássaros cerâmicos foram encontrados na necrópole da Chada, na região de Ourique,²⁹ necrópole incluída numa paisagem funerária com muitas semelhanças à da área onde se localiza a de Cinco Reis 8, quer no que se refere ao material arqueológico, quer até no que diz respeito às plantas, mesmo que não na arquitectura e técnicas construtivas.

O touro apareceu no troço Este, próximo do vértice que este desenha com o Sul. As conotações deste animal com personagens divinas foram já, nas páginas anteriores, abordadas e devidamente valorizadas. Um outro touro, idêntico na forma e matéria prima, parece ter sido recuperado na mesma posição, mas no troço Oeste. Infelizmente, terá sido encontrado na intervenção correspondente à primeira fase da obra, que, como referimos em 2, permanece por publicar.

28 SANTOS *et al.* 2009.

29 BEIRÃO 1986.

A ser verdadeira esta situação, teríamos dois pares de representações, localizados em lugares simétricos, um referente a uma divindade feminina (os dois vasos com aves), outro a uma masculina (touro), de que, infelizmente, só possuímos um dos elementos. Seriam, assim, dois pares divinos, que podem ser directamente conectados com Baal e Astarté, isto atendendo ao facto de esta necrópole, tal como, aliás, as outras da mesma área geográfica, apresentar características orientalizantes.

Ainda assim, e independentemente de as peças se reportarem a divindades e de caberem bem no imaginário religioso do mundo semita, não é improvável «...que figuraciones no representen a ninguna de las grandes divinidades de los panteones semíticos, sino a deidades menores de naturaleza seráfica y de función apotropaica...», como já bem recordou J. Jiménez Ávila,³⁰ a propósito de representações também de carácter divino, de idêntica cronologia e de geografia similar, mas de bronze.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA 1977 = M. ALMAGRO GORBEA, *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*, Madrid 1977 («Bibliotheca Praehistorica Hispana», 14).
- ALMAGRO GORBEA 2008 = M. ALMAGRO GORBEA (ed.), *La necrópolis de Medellín*, II. *Estudio de los hallazgos*, Madrid 2008 («Bibliotheca Archaeologica Hispana», 26-2).
- ARRUDA – BARBOSA – GOMES – SOUSA n.p. = A.M. ARRUDA – R. BARBOSA – F. GOMES – E. SOUSA, *A necrópole da Vinha das Calças (Beringel, Beja, Portugal)*, in J. JIMÉNEZ ÁVILA (ed.), *Siderum Ana*, 3, no prelo
- AUBET 1980 = M.^aE. AUBET, *Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir: II Achebuchal y Alcantarilla*, Valladolid 1980 («Studia Archaeologica», 63)
- BEIRÃO 1986 = C.M. BEIRÃO, *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal. 1^{er} âge du Fer*, Paris 1986.
- BEIRÃO – GOMES 1984 = C.M. BEIRÃO – M.V. GOMES, *Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, in *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszewsky à l'occasion de son passage à la retraite (22 octobre 1979)*, Paris 1984, pp. 431-468.
- BLÁZQUEZ MARTINEZ 1966 = J.M. BLÁZQUEZ MARTINEZ, *Bronces preromanos de Lusitania*, in *Atti del VI Congresso Internazionale delle Scienze Preistoriche e Protostoriche*, 3, Roma 1966, pp. 49-53.
- CORREIA 1986 = V. CORREIA, *Um bronze tartésico inédito: o touro de Moirão*, in «Trabalhos de Arqueologia do Sul» 1, 1986, pp. 33-48.
- ÉTIENNE 2014 = R. ÉTIENNE, *Le symbolisme du taureau en Grèce, d'Homère à l'époque hellénistique*, in A. GARDEISEN – CHR. CHANDEZON (edd.), *Equidés et bovidés de la Méditerranée antique*, Arles 2014, pp. 332-345.
- JIMÉNEZ ÁVILA 2002 = J. JIMÉNEZ ÁVILA, *La touréutica orientalizante en la Península Ibérica*, Madrid 2002 («Bibliotheca Archaeologica Hispana», 16).
- LEROI GOURHAN 1990 = A. LEROI GOURHAN, *As religiões da Pré-história*, Lisboa 1990.
- OLMOS – FERNÁNDEZ MIRANDA 1987 = R. OLMO – M. FERNÁNDEZ MIRANDA, *El timiaterio de Albacete*, in «AEspA» 60, 1987, pp. 211-219.
- SALVADOR MATEOS – PEREIRA n.p. = R. SALVADOR MATEOS – J.A. PEREIRA, *A paisagem funerária a Oeste de Beja no período Orientalizante: as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)*, in J. JIMÉNEZ ÁVILA (ed.), *Siderum Ana*, 3, no prelo.

30 JIMÉNEZ ÁVILA 2002, p. 339.

SANTOS – ANTUNES – GRILO – DEUS 2009 = F. SANTOS – A.S. ANTUNES – C. GRILO – M. DEUS, *A necrópole da Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência*, in *Actas do IV Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Huelva 2009, pp. 746-804.

ULREICH – NEGRETE – PUCH – PERDIGONES 1990 = H. ULREICH – M.A. NEGRETE – E. PUCH – L. PERDIGONES, *Cerro del Prado. Die Ausgrabungen 1989 im Schutthang der phönizischen Ansiedlung an der Guadarranque-Mündung*, in «MDAI(M)» 31, 1990, pp. 194-250.

VASCONCELLOS 1924 = J.L. VASCONCELLOS, *Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico português*, in «O Archeólogo Português» 26, 1924, pp. 29-36.